

LEITURAS

Rubem Braga

NÃO, meu caro, ainda não li seu livro. Podia dizer que já tinha lido e achado interessante e depois lhe falaria d'êles com mais vagar. «Interessante» é um bom adjetivo, que a gente sempre pode aplicar a um livro que não se leu ou a um quadro que não se viu — ou a um livro ou quadro que, já lido ou visto, não nos despertou interesse nenhum ou apenas nos deixou sem vontade de dizer qualquer coisa. É um adjetivo prudente, vago e subjetivo, que tem a virtude de não dizer nada; virtude, meu velho, que não é pequena, em tempos como estes, em que se dizem tantas tolices e barbaridades sobre livros e principalmente sobre quadros.

Mas acredite que seu livro está em muito boa companhia, ficando entre as obras que ainda não li; tem a seu lado, por exemplo, 95 por cento da obra de Goethe e, praticamente, 100 por cento da de Homero; que mais quer você? Pretendo ler todos, você, Goethe, Homero, inclusive o bom Homero Homem. Mas o diabo é que não paro muito em casa a não ser para escrever e dormir. E tenho uma estante amontoadada e confusa, onde a obra «Armas e Munições de Caça» é vizinha de uma «Introduction a la Poésie Ibero-Américaine» e da peça «Venus Observed».

Minha jovem secretária é sutil, levemente surrealista para arrumar os livros, e controla a minha leitura a um ponto inconcebível; muitas vezes começo a ler um livro e quando o procuro no dia seguinte vejo que êle foi engolido no caos da estante. Em seu lugar ela deixa sobre a mesa algum outro, que certamente considera mais útil para ilustrar meu espírito. Sábado comecei a reler «Sagarana»; domingo passei para a «História da Capitania de S. Vicente» e hoje notei que posso escolher entre duas obras: o «Manual do Chofer» e «Gaspard de La Nuit», que ela me selecionou deixando o primeiro junto à rede e o segundo sobre a mesa. Minha ignorância fica dia a dia mais eclética e variada; os jovens autores que ainda me visitam, depois de muito fuçar a estante, encontram suas brochuras cuidadosamente fechadas, virgens — o que para mim é um vexame.

Meus próprios livros, eu os encontro às vezes com ardentes dedicatórias a amigos, feitas quatorze meses atrás; ainda não descobri o critério que ela adota para enviar ou não. Às vezes reajo, mergulho na estante, cato pacientemente um livro que desejo ler, levo-o para o quarto, escondo-o debaixo do colchão, como se fôsse uma obra imoral ou proibida; mas a secretária se entende às mil maravilhas com a arrumadeira, e já descobriu todos os esconderijos, inclusive o armário do banheiro.

Não há o que fazer. Submeto-me a seu gosto, que é extravagante; ainda não descobri por que motivo me serviu durante uma quinzena, em dias alternados, um «Manual de La História Argentina» que fiquei exausto de ler, nem por que sabota sistematicamente D.H. Lawrence e Clarice Lispector. Na última viagem que fiz, ela conseguiu colocar na minha bagagem, não sei com que estranha intenção, um livrinho de capa branca. À noite, em um horrendo quarto de hotel do interior, peguei-o resignadamente para ler: era o «Guia das Livrarias Brasileiras», editado há muitos anos atrás pelo Instituto do Livro, com enderêgo de todas as livrarias e outras informações, tais como número de livros, média diária de fregueses e número de empregados. Muito útil.

Esperemos. Talvez um dia seu livro venha à tona; estou certo de que é muito interessante. Mas é impossível saber, a respeito, a opinião de minha secretária. Adeus, vou mergulhar no «Gaspard de La Nuit».

M 93
M 493
CM 5.12.51
c Povo 10.7.83
RN 253

DN - 7.10.67

372